

Efêmero: a imagem e a mensagem.

Instalação composta por totens de papelão.

Desde a popularização da fotografia digital e de seus dispositivos nas últimas décadas, a humanidade produziu mais imagens que ao longo de toda sua história. Diferente de outros momentos históricos, onde a imagem e seus produtores eram envoltos de um caráter sagrado, espiritual, memorial e eterno, a imagem contemporânea tornou objeto banal e descartável.

É certo que os adventos tecnológicos e as redes sociais contribuíram para a mudança de valor da produção imagética, de sua apreciação e da duração enquanto objeto de análise e consumo. A foto do perfil das redes tem de serem sempre atualizados, os *stories* e *reels* ter constância para aumentar o número de seguidores. Monetizar é a palavra da vez e para tal, é necessário criar um mundo e vender a autoimagem onde tudo é bonito, fabuloso, glamouroso. Desumanizamo-nos para viramos produtos, uma imagem que carrega uma mensagem, que muitas vezes não nos representa.

O perigo no processo de nos tornarmos meramente produtos é o risco de perdemos nossa essência, nos tornamos frágeis e descartáveis como o papelão que compõem os totens. A vida útil da imagem contemporânea virtual tem a duração de alguns *likes* e muitas vezes o processo de degradação é mais rápido que o desgaste físico do papelão.

E você? Tem sido uma imagem vinculada a uma mensagem verdadeiramente sua ou é apenas um produto? A imagem é mensagem e é antes de tudo um ato político e ideológico. Enquanto seres humanos imagéticos somos como o papelão: mutáveis, pois envelhecemos, nos degradamos, nos rasgamos e nos reciclamos a medida que nos ferimos e refletimos, mudamos de ideia (ou nossas mensagens) e assim também como o papelão é reutilizado, podendo ter desde o brilho momentâneo de obra artística efêmera ou reciclado e renascendo para outro fim, menos glamouroso, mas, tão útil quanto uma caixa-arquivo, guardiã de documentos importantes.